

BOTUCATU ÀS MARGENS DO TIETÊ: CULTURA E SUSTENTABILIDADE¹

Elaine Aparecida Machado Marum de Oliveira*

O livro foi organizado por Mário Jorge Coelho Freitas e Dráuzio Pezzoni Annunciato, com o objetivo de tratar um tema debatido no contexto mundial “A convivência humana ambientalmente sustentável [...]”. (FREITAS; ANNUNCIATO, 2008, p. 20)”

Utilizaram como metodologia a consulta em arquivos e a reconstituição de histórias através das trajetórias e narrativas dos (as) moradores (as) da região de Botucatu, valorizaram a cultura e a historicidade local como princípios norteadores da pesquisa, o que tornou o trabalho significativo, pertinente e transformador.

Os autores fazem no livro uma reflexão sobre os desafios atuais referentes não somente ao meio ambiente, mas, a desigualdade social e a crise econômica, nesse contexto, a educação exerce um papel central e a solução apontada por eles deve partir do local para o global, por isso o diálogo com os (as) moradores (as) foi o ponto de partida para solucionar os problemas e os conflitos daquela região.

Em cerca de trinta anos, nossa sociedade assistiu a significativas mudanças de ordem mundial. Entre outros aspectos, constatam-se o progresso esgotamento dos recursos, as dificuldades em gerir resíduos, as profundas e incontroláveis alterações climáticas e a drástica redução da biodiversidade, a que se associam no que toca à componente ambiental humana, a degradação do patrimônio histórico, a perda de diversidade cultural, a degradação de certas componentes da qualidade de vida etc. (FREITAS; ANNUNCIATO, 2008, p. 20)

* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professora efetiva de História na E. E. Profª Theodora de Camargo Ayres Piedade, São Paulo. E-mail: machadoelaine2006@ig.com.br

¹ FREITAS, Mário Jorge Cardoso Coelho; ANNUNCIATO, Dráuzio Pezzone. (Orgs.). São Paulo: Instituto Brasil Com, 2008. 159 p.

Vivenciar o passado do local possibilitou a reconstituição de fatos a descobertas de fontes e documentos, fundamentais para a reconstrução de uma história, Botucatu, “terra de bons ares” na origem linguística Tupi, tem em sua Cuesta, pegadas dos dinossauros e registros deixados pelos índios no lendário Caminho pré-cabraliano PEABERU, uma via transcontinental nas Américas. Como afirma um morador:

O professor Antonio Candido fez um trabalho de sociologia... e aí ele enfoca os caipiras da região como sendo os caipiras mais caipiras de todo o Brasil. E esse caipira, ele falava...ele ainda fala...as Três Pedras seriam a entrada de um túnel subterrâneo que iria no Peru [...] (FREITAS; ANNUNCIATO, 2008, p. 41)

Dialogando com os moradores, os pesquisadores aprofundaram o conhecimento sobre a região a partir de lendas, causos e vivências. Fizeram um percurso histórico com outras perspectivas: a cultura e a sustentabilidade, mas com as mesmas estratégias de Antonio Candido no livro: *Os Parceiros do Rio Bonito*, que nas décadas de 1940 e 1950 visitou a região de Bofete, com a intenção não somente de pesquisar a organização social do caipira no quadro de uma comunidade, mas destacar suas atividades religiosas, recreativas, políticas, administrativas e econômicas.

A região tem também as marcas cravadas na terra pelos exploradores, bandeirantes, entradistas e moçoeiros. Estes, seguindo o curso do rio Tietê, que ao longo de sua história foi utilizado não somente para a navegação, mas para a pesca e a diversão dos habitantes de suas margens, no período colonial, adentraram pelas matas em busca das riquezas do interior. Rio caudaloso e de sentido favorável o Tietê conduziu os colonizadores ruma à aculturação, ao domínio e a evangelização dos indígenas que habitavam essa região, conhecida também por possuir bons ares, boa terra, boa água e boa madeira.

Iniciou-se o período colonial na região, conseqüentemente a destruição das culturas locais e a exploração sem medida dos recursos naturais; os ciclos desse período foram marcados pela monocultura, que gerou desmatamentos e uso irracional do solo.

Em 1830 surgiu o povoado de agricultores e posseiros que deu origem a cidade de Botucatu. A economia local era baseada nas plantações de trigo, algodão, fumo, milho, mandioca, cana-de-açúcar e café, esta última, intensificou a destruição das matas nativas, e Botucatu tornou-se, após o declínio da cana-de-açúcar do nordeste, um importante mercado nacional de escravos. (FREITAS; ANNUNCIATO, 2008, p. 77)

O aumento dos cafezais proporcionou o progresso da região, com a construção de ferrovias e a intensificação do transporte fluvial, mas ocasionou também a aumento

da destruição das matas nativas, no início do século XX. A industrialização acelerou a urbanização e conseqüentemente a poluição dos rios, principalmente o Tietê.

Botucatu tem atualmente 10% da cobertura vegetal primitiva. Convivemos hoje com as cicatrizes ambientais deixadas pelas gerações últimas em nome da ordem e do progresso. (FREITAS; ANNUNCIATO, 2008, p. 35)

O que afetou ainda mais a vida dos moradores e o meio ambiente foi a construção em 1957 da Usina Hidrelétrica de Barra Bonita, que obrigou o despovoamento das terras que seriam alagadas, os moradores tiveram que negociar suas propriedades com o governo por um valor menor.

Mas não foi somente a desapropriação das terras que afetou os habitantes da região. Antes da construção da barragem, a pesca era a diversão, os peixes eram muitos e de variadas espécies; devido à falta de estradas asfaltadas, a natureza era mais respeitada. Com a construção da represa houve o desaparecimento das espécies aquáticas e terrestres e as águas em abundância trouxeram também o turismo e novos moradores. Houve, assim, o desmatamento da mata ciliar e a poluição as margens do rio.

A chegada desses novos moradores ocasionou um “choque intercultural”, pois novos hábitos e comportamentos foram introduzidos, modificando o cotidiano dos lavradores que não souberam conviver com as diferenças. Foram acusados pelo aumento da criminalidade e pela alteração da paisagem às margens do rio, que também foi afetada pela construção dos barracos dos pescadores em área de preservação e com o aumento do lixo.

Após a inundaçã, foi colocada na represa uma espécie de peixe como alternativa ambiental e econômica: a Tilápia do Nilo, que se multiplicou e causou a extinção de muitas espécies nativas. Esta decisão teve contestações, pois a melhor alternativa seria colocar peixes da fauna brasileira. Outro fator de exploração da área foi a atração de novos habitantes para pesca comercial.

Portanto, o desafio atual da região é a sustentabilidade. A necessidade de energia, devido à urbanização e à industrialização, proporcionou impactos ambientais; a solução seria o diálogo entre moradores e setores governamentais e empresariais para a busca de alternativas que amenizem as condições sócio-econômicas e reverter a degradação da natureza com projetos de preservação e recuperação.

Os autores do livro foram os interlocutores entre as partes envolvidas para a busca de soluções dos problemas de todos, porém com uma preocupação comum: o meio ambiente. O primeiro desafio foi a convivência com o outro, a interação e respeito entre as antigas comunidades e as novas comunidades de pescadores. Estes últimos, às margens da represa e da sociedade, convivem com a falta de

coleta do lixo, habitações de alvenaria ou barracos de lixa e a falta de saneamento básico, por isso reivindicam melhores condições de vida.

Todos os envolvidos comprometeram-se, através de parcerias promover o desenvolvimento sustentável do local. As prioridades e as ações de cada grupo foram as seguintes: os pescadores comprometeram-se a abandonar os acampamentos, conservar e preservar as margens do rio; a prefeitura prometeu construir habitações descentes para os pescadores, próximas à represa, urbanizar e proporcionar a coleta de lixo e a segurança; já as demais empresas envolvidas responsabilizaram-se pelo reflorestamento e pela recuperação ambiental.

Dentro do contexto mundial analisado na introdução do livro como: aquecimento global, fome, miséria, desigualdade e exploração, as iniciativas propostas pelos autores afirmam a importância de reconhecer e respeitar a cultura, os costumes e a história de cada um, soluções que devem partir da própria localidade.